



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

BARBARA NASCIMENTO DE ARAÚJO SANTOS

UM OLHAR SOBRE A LEITURA E A ESCRITA DO ALUNO SURDO

**GUARABIRA – PB
2017**

BARBARA NASCIMENTO DE ARAÚJO SANTOS

UM OLHAR SOBRE A LEITURA E A ESCRITA DO ALUNO SURDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Letras - Português, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira - CH, como requisito parcial à obtenção do título Licenciada em Letras. Área de concentração: LETRAMENTO E ENSINO

Orientadora: Prof^a Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo.

GUARABIRA – PB
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237o Santos, Barbara Nascimento de Araujo.
Um olhar sobre a leitura e a escrita do aluno surdo
[manuscrito] : / Barbara Nascimento de Araujo Santos. - 2017.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo.,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Educação. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Surdez. 5. Inclusão.

21. ed. CDD 028.5

MARIA JOSÉ DA CUNHA PRAXEDES

GESTÃO ESCOLAR: UM OLHAR DA GESTÃO NA ESCOLA PÚBLICA

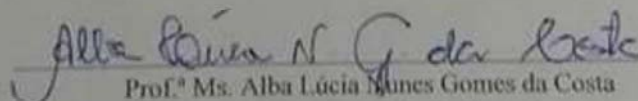
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 01/12/2017

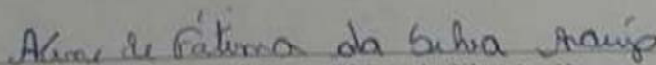
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
(Universidade Estadual da Paraíba-UEPB)
Orientadora



Prof.^a Ms. Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa
(Faculdade Maurício de Nassau)
Examinadora



Prof.^a Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo
(Universidade Estadual da Paraíba-UEPB)
Examinadora

GUARABIRA - PB

2017

Dedico este trabalho a Deus, sobre todas as coisas.

Aos meus familiares com carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que fazem parte do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

Em especial, a minha orientadora, professora e mentora intelectual, a Senhora Professora a Senhora Aline de Fátima da Silva Araújo minha orientadora, por não desistir de mim, que me auxiliou neste trabalho e que me ajudou a realizar um sonho a minha formação.

Bem como a todos os funcionários da UEPB pelos serviços prestados. A todos vocês os meus sinceros agradecimentos.

UM OLHAR SOBRE A LEITURA E A ESCRITA DO ALUNO SURDO

SANTOS, Bárbara Nascimento De Araújo ¹

RESUMO

O presente trabalho se constitui das reflexões iniciais provocadas pelos estudos sobre a surdez, a educação de Surdos e a alfabetização destes sujeitos, que resultaram na motivação dessa pesquisa, que está sendo desenvolvida como requisito para a conclusão do curso de Letras – UEPB. O objetivo deste artigo é o de discutir a realidade de 2 alunos surdos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Ensino Médio José Soares de Carvalho, localizada no Município de Guarabira – PB. Duas vertentes são seguidas neste texto: a leitura e a surdez. Sendo assim o artigo versa pela compreensão da Língua Portuguesa como L2 (segunda língua) na formação do aluno surdo, levando em consideração a realidade dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Ensino Médio José Soares de Carvalho, localizada no Município de Guarabira – PB. Optou-se por elas porque sobre a leitura entendemos que ela exerce um papel de fundamental importância na vida dos sujeitos para estes compreenderem o contexto social ao qual estão inseridos, bem como, para entender seu crescimento enquanto seres humanos a partir de uma leitura de significados diferentes no mundo. Sobre a surdez acreditamos que a sociedade ouvinte tem uma dívida histórica e linguística de privação desses sujeitos ao direito de usar sua língua natural e de poderem através dela acessarem a Língua Portuguesa. Os autores que inicialmente nos norteiam para tal trabalho são: LIMA; PESSOA e SCHEMBERG (2012); STOCK (2010); SOARES (2006); BARBOSA (1990); BIZON (1997); FREIRE (2007); VERCEZA, (2006); ROSA (2009); DORZIAT, (2009); SACKS (1998), entre outros. A pesquisa é de base teórica e metodológica qualitativa constituindo-se como um estudo quanto a leitura e escrita do aluno Surdo descrita pela experiência vivência pelo intérprete de libras do campo de pesquisa. Os instrumentos para a coleta de dados serão da análise das obras, estudo de campo, descritivo, aplicação de um questionário com dois estudantes surdos da referida instituição de ensino. Este texto é fruto do esforço para compreender as diferenças de processos didáticos e metodológicos no ensino de língua para crianças Surdas, portanto, se constitui como uma elaboração teórica sobre a questão, não constando ainda considerações sobre resultados esperados. Conclui-se que, partindo do pressuposto de que a educação especial é uma modalidade de ensino que visa promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas com necessidades especiais, condutas típicas ou altas habilidades, e que a ensino da Língua Portuguesa como L2 exerce grande influência na formação pessoal e social do indivíduo surdo, constata-se a necessidade de estudos que esclareçam como tem ocorrido o processo de inclusão de aluno surdo no ensino regular.

Palavras-Chave: Educação. Leitura. Escrita. Surdez. Inclusão.

¹Graduanda em Letras pela da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	10
2.1 Técnicas de pesquisa.....	11
3. PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA OS SURDOS.....	13
3.1 O ensino de língua portuguesa (L2) para surdos.....	13
3.2 A inclusão da pessoa surda em seu desenvolvimento socio cognitivo: direito social do educando.....	16
3.3 Metodologias diferenciadas para a inclusão.....	18
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	20
5 CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, várias questões relacionadas à aprendizagem da leitura e escrita vêm sendo bastante discutidas por educadores e estudiosos da área da inclusão, em decorrência do ensino da leitura ainda ser empregado de forma mecanicista na maioria das salas de aula, onde encontramos grande parcela de alunos com dificuldades de leitura, neste caso, da aprendizagem da criança surda.

A problemática da pesquisa versa sobre a relação da escola com a aprendizagem do aluno surdo quanto (Língua Portuguesa) como L2, não se restringindo ao mundo dos ouvintes, mas também dos surdos.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é o de discutir a realidade de 2 alunos surdos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Ensino Médio José Soares de Carvalho, localizada no Município de Guarabira – PB.

Bem como apresenta os objetivos específicos:

- Analisar o trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula inclusiva com alunos surdos;
- Rever metodologias que impulsionem a realização de atividades que permitam um maior desenvolvimento dos alunos as questões que envolvem aquisição da L2 na modalidade escrita;
- Compreender as estruturas discutidas dentro da noção de aprendizagem de acordo com o campo de pesquisa.

Essa realidade da educação dos surdos e os estudos realizados no curso de Letras sobre leitura e escrita e posicionamento claro da aprendizagem desses alunos, impulsionou a buscar entender mais sobre a leitura como instrumento para a apropriação dos conhecimentos adquiridos pelos surdos.

Nesta ótica, a justificativa resolve-se aprofundar sobre como as estratégias de leitura aos surdos podem servir de motivação a sua formação, surgido através da motivação a busca de conhecimentos mais aprofundados sobre a L2 para o aluno surdo, bem como levando em consideração os conhecimentos desenvolvidos durante os estágios nas escolas das redes municipais e estaduais durante os períodos de estágios. A necessidade de reconhecer as práticas de leitura e como as mesmas resultam num novo olhar do educando surdo foi uma das principais motivações para justifica-se a pesquisa sobre a presente temática debatida neste artigo.

Embora muitas pessoas restrinjam o significado da leitura, acreditando que uma pessoa alfabetizada é aquela capaz de decodificar o código linguístico, tornando os alunos em meros decodificadores que não conseguem fazer da leitura fonte de aprendizagem, lazer e prazer, esta, a leitura, se constitui, na verdade, a partir da assimilação do código linguístico através de atividades de compreensão e construção de significados que ultrapassam o simples passar de olhos sobre o escrito.

A leitura é uma atividade complexa, que envolve não só problemas fonéticos semânticos, mas também, culturais, ideológicos e fisiológicos. No entanto, observam-se ainda nos dias de hoje, a imposição de um modelo que leva a escola a estar mais preocupada com a ortografia, a decodificação, do que com o próprio exercício da leitura, levando-a muitas vezes a esquecer que o principal objeto, neste momento de alfabetização, é permitir que os alunos levem suas habilidades falantes para as leituras, gerando na maioria destes, dificuldades que ao longo dos anos de estudos que se agravam e acabam tornando-se problemas de leitura.

Se tratando dos surdos os problemas se tornam ainda mais complexos por estarmos lidando com usuários de outra língua, portanto, de um leitor de mundo que usa estratégias diferentes para essa leitura das utilizadas pelos ouvintes.

Por isso a importância de se investigar como a leitura e escrita é trabalhada com crianças Surdas dentro do processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas.

Em função de buscar entender como as opções metodológicas para o ensino da leitura são aplicadas com alunos surdos. Atualmente, as exigências que a modernidade faz com relação a prática da leitura estão relacionadas com o acesso ao saber acumulado como uma ferramenta fundamental para uma boa formação e, nesse contexto, os surdos estão historicamente em desvantagem com relação aos/as ouvintes, pois por causa da opção oralista para sua educação, foram desconsideradas as necessidades linguísticas deste/as com relação ao acesso a língua portuguesa como segunda língua.

A metodologia utilizada neste trabalho foi de caráter qualitativa, abordando um estudo de caso, com o referido campo de pesquisa, com aplicação de um questionário (entrevista semiestruturada), abordando a vivência do aluno surdo da escola.

Para melhor compreensão do leitor o trabalho estará dividido em parte, tendo como Fundamentação Teórica, uma revisão bibliográfica abordando num primeiro momento “o ensino de Língua Portuguesa (L2) para surdos, em que foram descritos processos, diretrizes e a realidade escolar, segundo os autores que versam sobre a presente temática. Num segundo momento foi destinado a explicitar “A inclusão da pessoa surda em seu desenvolvimento sócio cognitivo: direito social do educando”, relatando os direitos sociais do aluno surdo, enquanto

direito social e educacional dessa clientela nas escolas públicas, alvo de nossa pesquisa. Partindo para um terceiro momento que versa sobre “Metodologias diferenciadas para a inclusão”, sua realidade atual no âmbito educacional/escolar, revelando, a luz dos autores escolhidos formas de atingir a aprendizagem desses alunos no espaço escolar regular.

Seguindo-se de um capítulo destinada a apresentação da Metodologia onde relatou-se os procedimentos necessários a pesquisa e construção do presente artigo, bem como, autores que elencam tais procedimentos e as possíveis considerações sobre a temática impressas através da pesquisa de campo e da aplicação do questionário com 02 (dois) alunos surdos que frequentam regularmente as aulas na referida instituição de ensino em consonância ao tema deste trabalho.

Por fim, as Considerações Finais, com uma síntese sobre o objetivo deste artigo, e das Referências Bibliográficas e Apêndices pertinentes a pesquisa realizada.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que se torne possível esse estudo, a respeito da Língua Portuguesa como L2 na formação do aluno surdo, se faz necessário a busca de elementos que facilitem e forneçam informações e subsídios dentro da perspectiva da pesquisa.

A pesquisa se constitui como de base teórica e metodológica qualitativa. O tipo de investigação por nós adotados será o estudo de caso. Segundo André (2005, p.16), “o que caracteriza o estudo de caso não é um método específico, mas um tipo de conhecimento: Estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha de objeto a ser estudado”.

No que concerne à pesquisa, os dados que embasam nosso trabalho são de um aporte bibliográfico, foram obtidos através da coleta de dados bibliográficos, bem como uma pesquisa qualitativa que versa sobre a aplicação de um questionário para melhor compreender a temática em questão.

A pesquisa bibliográfica se pautou em reconhecer os processos de letramento e alfabetização, fazendo a necessidade do pesquisador em reportar a uma ideia que está a cada dia aflorando no meio acadêmico e educacional, a realidade nas práticas de alfabetização e letramento dentro da escola como temas recorrentes de debates sobre a temática.

Assim, para Gil (2007), pesquisa pode ser definida como o:

Um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um

processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GIL, 2007, p. 17)

Dessa forma, a pesquisa qualitativa foi escolhida mediante a luz dos conceitos dos principais autores que versam sobre o tema abrindo espaço para uma discussão possível no que diz respeito a identificar quais os principais conceitos e as ideias até agora apresentada em relação as contribuições ao estudo da L2 na formação do aluno surdo.

Uma questão fundamental, segundo ela é o conhecimento derivado do caso, ou melhor, o que se aprende ao estudar o caso. É nesse sentido que buscaremos analisar como os processos didáticos e metodológicos de ensino para alunos surdos, tendo como campo de pesquisa a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, situada na cidade de Guarabira – PB, para verificar como são desenvolvidos o processo do acesso ao português como L2.

Para tal, fez o uso de alguns instrumentos para a coleta de dados como observação, entrevista semiestruturada (questionário) com 02 (dois) alunos surdos e registros das respostas verificadas em anexo no presente artigo. Dessa forma os materiais analisados foi uma forma de compreender e analisar a temática.

2.1 Técnicas de pesquisa

No que concerne à pesquisa, os dados que embasam nosso trabalho podem ser considerados habitual, em que foram os dados obtidos através da análise de uma revisão de literatura e da técnica de pesquisa qualitativa, bem como aplicação de questionário e observação do campo de pesquisa, segundo dados de estudo de caso

Assim a pesquisa qualitativa é:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

A pesquisa qualitativa tem enfoque nos aspectos com relação a interpretação do objeto de estudo, neste sentido podemos também classificá-la como sendo:

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações,

crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14).

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador e cientista, é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas, sendo assim, um dos motivos que este trabalho surgiu. Assim, faz-se necessário expor que o conhecimento do pesquisador foi parcial e limitado, com o objetivo de expor a amostra dos dados coletados produzindo informações mais completas possíveis.

Uma vez que através da aplicação do questionário foi possível compreender a importância do ensino contextualizado na formação do aluno surdo, pois reafirma a necessidade de o professor tem de se estabelecer enquanto ser mediador desse conhecimento, e assim, desenvolver um metodologia voltada às necessidades do aluno, de forma que na pesquisa iremos chamá-los de “A1” e “A2”, assim, foi proposto no questionário perguntas que relacionassem a importância das diretrizes sobre a L2 enquanto importante na formação do aluno Surdo, bem como a sua opinião sobre o ensino e as atuais reformas educacionais nas práticas de ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos inseridos no ensino regular.

Para realizar este estudo adotou-se como metodologia de pesquisa o estudo de caso “que compreende um método que abrange a lógica de planejamento, as técnicas de coletas de dados e as abordagens específicas na análise dos mesmos” (YIN, 2010, p.33).

Assim, o estudo de caso que foi desenvolvido seguindo as etapas: coleta de dados, tratamento dos dados, análise dos dados. Adotou-se entrevista semiestruturada (amostra do universo pesquisado), com uma amostra proposital.

Trata-se de um tipo de metodologia de pesquisa que apresenta um forte cunho descritivo. Nesse sentido o pesquisador não pretende intervir sobre a situação, mas, dá-la a conhecer tal como ela lhe surge, detalhando os dados coletados e apresentando a temática em questão e assim ressaltando a contribuição que o pesquisador identificou. (LUDKE; MENGA; ANDRÉ; MARLI, 1988)

De acordo com Lüdke, Menga; André, Marli (1998), as características ou princípios associados ao estudo de caso se superpõem às características gerais da pesquisa qualitativa. Entre elas destaca-se:

Os estudos de caso visam a descoberta: mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele se manterá atento a novos elementos que poderão surgir, buscando novas respostas e novas indagações no desenvolvimento do seu trabalho.

Os estudos de caso enfatizam a interpretação em contexto: para melhor compreender a manifestação geral de um problema, deve-se relacionar as ações, os comportamentos e as interações das pessoas envolvidas com a problemática da situação a que estão ligadas.

Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa: Os resultados de um estudo de caso podem ser dados a conhecer de diversas maneiras, incluindo a escrita, a comunicação oral, registros em vídeo, fotografias, desenhos, slides, discussões, etc. Os relatos escritos apresentam em geral, um estilo informal, narrativo, ilustrado por figuras de linguagem, citações, exemplos e descrições. (p. 18, 1998)

Apesar da escolha de percurso metodológico ter sido através do estudo de caso algumas limitações são consideradas prejudiciais a abordagem da temática.

O método do Estudo de Caso tem sido visto mais como um recurso pedagógico ou como uma maneira para se gerar 'insights' exploratórios, do que um método de pesquisa propriamente dito e isto tem ajudado a mantê-lo nesta condição. (BONOMA, 1985)

O Método do Estudo de Caso é um dos métodos mais comuns utilizados nas dissertações, artigos e TCC, analisando a luz do problema frente a orientações já existentes.

3. PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA OS SURDOS

No caso dos surdos estes também precisam da aquisição e do desenvolvimento da leitura para se integrarem na sociedade, porém, adquirem-na diferentemente dos ouvintes, pois se utiliza de outra língua para apreender as informações do mundo, a língua de sinais, no nosso caso do Brasil, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Sendo assim, irá se discutir os principais pontos para se compreender a L2 como a segunda língua para os surdos.

3.1 O ensino de língua portuguesa (L2) para surdos

Toda língua serve para estruturar o pensamento, a habilidade de saber lidar com as coisas, de abstrair informações e manipular símbolos, bem como de se comunicar com outras pessoas. Nesse sentido, Sacks (1998, p.56) afirma que,

A língua possibilita novas orientações e novas possibilidades de aprendizado e ação, dominando e transformando as experiências pré-verbais. [...] A linguagem não é apenas uma função entre muitas [...] mas uma característica muito difusa do indivíduo, a tal ponto que ele se torna um organismo verbal (cujas experiências, ações e

concepções agora alteram-se segundo uma experiência verbalizada ou simbólica).

Cabe em um primeiro momento a família e, também, posteriormente a escola criarem ambientes linguísticos adequados para interagirem no dia-a-dia com os indivíduos surdos. É interessante esse apoio, para que eles possam construir identidades positivas de si mesmo, sentindo-se mais felizes e aceitos por todos que os rodeiam.

Para, Dorziat (2009, p. 18),

A construção de cada sujeito depende do lugar que ele está ocupando no tempo e no espaço e da articulação com as construções de outros sujeitos, que também estão ocupando posições particulares no tempo e no espaço. Essa construção identitária é mediada pela língua, mas, para tanto, é importante que o outro permita que trocas comunicativas, de conhecimentos, de valores, de posturas sociais e interativas aconteçam através de uma língua compartilhada, uma vez que é ela que possibilita ao indivíduo ter acesso a possibilidade de construção de uma leitura de mundo.

Todavia, se o outro não oferecer esse espaço, corre o risco do surdo ficar seriamente atrasado pelo fato de não acompanhar na mesma proporção o ouvinte que majoritariamente tem acesso a sua língua natural. É nesse sentido que Sacks (1998, p. 22) afirma:

[...] ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, ficamos incapacitados e isolados, de um modo bizarro – sejam quais forem nossos desejos, esforços e capacidades inatas. E, de fato, podemos ser tão pouco capazes de realizar nossas capacidades intelectuais que pareceremos deficientes mentais.

Como ocorre com qualquer um, a relação da linguagem com o pensamento faz com que o sujeito surdo reflita o que está internalizado na mente através primeiramente da Língua de Sinais. Só a partir da base linguística da primeira língua é possível adicionar uma segunda língua, para os surdos do Brasil, a Língua Portuguesa.

A apropriação do português (L2) como segunda língua dá abertura para que como sujeitos estes possam crescer e compreender sua própria história. História esta marcada sempre por uma rejeição aos surdos, pois houve um tempo da história que lhes foi negado o direito até de sinalizar. Naquele momento o surdo podia aprender apenas a Língua Portuguesa (L2), gerando com isto, inúmeras discussões acerca da sua língua nativa.

Mas o passar do tempo e o grande fracasso social e educacional do oralismo possibilitou aos surdos lutar em prol de uma condição humana mais igualitária, pois é a primeira língua o lastro para todas as construções e relações que permitem a aprendizagem. Para DORZIAT (2009, p. 55):

A linguagem afirma a pessoa humana e a humanidade, colocando-a como sujeito de seu destino. É por meio da linguagem que, na condição de indivíduos, dimensionamos o nosso mundo interior, o mundo ao nosso redor, o mundo com o qual sonhamos. É também por meio da linguagem que a humanidade pode dimensionar seus valores, suas relações sociais, suas aspirações de justiça e liberdade, enfim externalizar sua cultura.

Para isso, há uma necessidade atual do sistema educacional rever o currículo que por sua vez, determina o tipo de método seguido, seja ele tradicional ou conservador, pois ele “representa um instrumento poderoso capaz de preparar os indivíduos para a sociedade existente, para a posição de domínio ou submissão, para assunção de posições críticas ou alienadas, para a vivência plena ou apenas parcial da cidadania” (DORZIAT, 2009, p. 45).

Neste contexto, a escola de um modo geral, para oportunizá-los o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social deve oferecer dentro das diretrizes formalizadas no currículo condições propícias para receber o surdo quanto à estrutura física, materiais didáticos, atividades que também os incluam e professores preparados para conduzir a formação desses indivíduos durante o processo de alfabetização.

Muitos destes professores, por seguirem várias correntes teóricas na esperança de realizar um bom trabalho, terminam, segundo Bizon (1997, p.110), configurando “o ensino como uma “colcha de retalhos” e a aprendizagem como processo questionável quanto à sua significância para o aluno enquanto sujeito-histórico”.

Essa realidade acontece pela falta de um estudo mais detalhado acerca da própria prática de ensino e do acesso ao conhecimento teórico científico que oferece base para delinear uma atuação de ensino mais consciente.

Estes são, portanto, pontos que denotam mais atenção do professor, principalmente quando se exige compreender as noções de apropriação de uma língua materna e uma língua estrangeira, para que o professor possa construir realmente nos processos didático-metodológicos as modificações conscientes das especificidades das línguas em estudo, sem precisamente continuar maquiando o ensino, como conceitua Bizon (1997).

Desse modo, para não maquiado o ensino de português como segunda língua torna-se imprescindível entender o quão é importante para o surdo ter a língua de sinais como língua nativa, de modo que ele possa também se apropriar da língua portuguesa.

A língua de sinais e a língua portuguesa são estruturalmente diferentes, mas ambas são fundamentais para o crescimento e desenvolvimento do surdo. Nesse sentido, é importante que a abordagem da leitura, principalmente, nesta fase inicial da alfabetização, permita, que o aluno enuncie o que aprendeu e faça inferências com o texto. É assim, explorando do aluno o máximo

de sua compreensão do texto e do mundo, que o professor vai possibilitar-lhe sentir que faz parte da construção do próprio conhecimento.

Com base nisso, o processo de leitura para os surdos na alfabetização pode utilizar basicamente das mesmas atitudes metodológicas, mas deve respeitar as especificidades linguísticas e culturais dos surdos. Desse modo, acreditamos ser possível projetar nos surdos uma aprendizagem plena da segunda língua.

3.2 A inclusão da pessoa surda em seu desenvolvimento socio cognitivo: direito social do educando

Nos últimos anos, a partir da Declaração de Salamanca, em 1994, a grande maioria dos países do mundo começou a implantar políticas de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular, por considerarem-na como a forma mais democrática para a efetiva ampliação de oportunidades educacionais. (BUENO, 2001).

A Declaração de Salamanca sugere que a escola atue como comunidade coletiva, onde os professores e professoras se responsabilizam pelo sucesso ou fracasso de cada estudante, dividindo a responsabilidade pela educação das pessoas com deficiência, ou seja, sem que haja individualismo, mas sim que haja uma educação centrada na criança.

Esta declaração tem parcerias com 88 governos, 25 organizações internacionais, grupos de advocacia, agências especializadas, organizações intergovernamentais, comunidades de país, e em particular de organizações de pessoas com deficiência, entre outros.

A opção pela letra maiúscula inicial demarca que o nosso olhar sobre a surdez não se restringe ao biológico, mas considera que o surdo se constitui também de fatores sociais, culturais e linguísticos.

Segundo Cardoso (2003, p, 24) “o processo inclusivo pode significar uma verdadeira revolução educacional e envolve o descortinar de uma escola eficiente, diferente, aberta, comunitária, solidária e democrática, onde a multiplicidade leva-nos a ultrapassar o limite da integração e alcançar à inclusão”.

Com base nesta afirmação, vemos a construção de políticas públicas que buscam legitimar a ideia de escola para todos e a tentativa de proporcionar a existência de programas educacionais apropriados para alunos e alunas com deficiência, dentre os quais estão as crianças surdas.

A educação escolar, ao longo do tempo, foi assumindo um papel importante diante das necessidades encontradas em nossa sociedade, nesse sentido, ela foi se constituindo como *locus* de construção e transmissão de conhecimentos relevantes para a sociedade. Em que pese divergências acerca dos reais valores desse conhecimento, se são realmente importantes para todos ou se são construções de uma elite intelectual/burguesa, não serão discutidas nesse trabalho, pois nossa preocupação é que ele tenha como pilar o direito a educação como um bem social.

A educação inclusiva prioriza a matrícula de todas as crianças na escola regular e responsabiliza a escola a desenvolver propostas pedagógicas centradas na criança, que possibilitem o sucesso daquelas que possuem deficiências.

Sendo assim, no caso da surdez, quanto mais cedo ocorrer uma atenção educativa, no momento em que ela é detectada, ampliam-se as possibilidades para o desenvolvimento satisfatório da criança surda. De acordo com essas considerações Marchesi (2004) afirma que a atenção educativa é diferenciada porque deve incluir a estimulação sensorial, as atividades comunicativas e expressivas, a utilização da língua de sinais, o envolvimento dos pais e a utilização dos resquícios auditivos da criança favorecendo assim a superação das limitações que a surdez acarreta e possibilitando o desenvolvimento simbólico, cognitivo, afetivo e social.

Nessa perspectiva, as diferenças dos ambientes onde inicialmente a criança está inserida são relevantes para seu desenvolvimento como um todo. Há os ambientes linguísticos nos quais as crianças surdas podem se desenvolver pela via da língua de sinais e há os ambientes onde essa possibilidade não existe. Por isso os processos de socialização linguística são bastante diferentes.

As crianças surdas cujos pais usam sinais adquirem de forma espontânea a língua utilizada no ambiente familiar. A relação que existe entre a criança surda e o *input* linguístico é semelhante ao que se estabelece entre a criança ouvinte e a linguagem oral falada em sua família, a apreensão e domínio da língua são plenos. Já aquelas que os pais não usam sinais, não têm o referido *input* e precisarão de maior atenção dos pais com relação a treinamentos e tratamentos fono articulatórios para que seu desenvolvimento não seja demasiadamente comprometido.

Para Bueno (2003, p. 37), as possibilidades de uma educação diferenciada para [...] os sujeitos surdos, calcada, no reconhecimento de uma língua própria da comunidade tem trazido grandes polêmicas e discussões que, de alguma forma, reproduzem o que, historicamente, tem ocorrido: a disputa entre os defensores da oralização e os defensores da língua de sinais. Diante deste argumento, os defensores da língua de sinais, sustentam que o “oralismo” foi o grande

vilão para a falta de sucesso na escolarização e socialização das pessoas surdas, por impor uma língua que, pelas próprias condições de não ouvir, não poderia se constituir como a primeira língua destes sujeitos e restringem suas vidas numa perspectiva, exclusivamente de valorização da oralização que lhes impede de serem sujeitos não apenas comunicativos, mas também sociais, políticos e culturais.

Atualmente, por causa da disseminação da obrigatoriedade da inclusão, o grande debate está em que espaço educacional estes alunos podem aprender em diversas especialidades.

3.3 Metodologias diferenciadas para a inclusão

Ao passo que a política de inclusão hoje exige um espaço educacional/escolar compartilhado e, ao mesmo tempo, o defende como fundamental para constituir o sujeito surdo, esperamos ter ao final desta pesquisa uma compreensão mais clara sobre a influência da escola quanto à construção do hábito de leitura na vida destes, pois é a leitura que, por sua vez, constrói o sujeito na sua plenitude para atuar dignamente na sociedade. Mas, para isto acontecer é preciso que seja oportunizado o acesso a ela.

Assim, o estudo e análise da L2 para os surdos mediante a observação do campo de pesquisa e dos questionamentos revelados pelas perguntas feitas aos alunos da instituição, para reconhecer como o avanço dos processos educacionais estão contribuindo para sua formação, assim, possibilitando nesta pesquisa a compreensão mais sobre a realidade do ensino para surdos.

A questão do trabalho que insere o surdo em salas de aulas inclusivas revela a nova realidade de nossa educação, assim revendo metodologias e o próprio trabalho do professor. A partir desta variedade de materiais o professor deve propor atividades que levem os alunos a pensar e desenvolver estratégias de leituras. Proporcionar-lhes atos de leitura para levá-los a compreender a escrita não como mera representação da fala, estimular a leitura e interpretação de diversos gêneros textuais e principalmente, despertá-los para o hábito de ler por prazer e não para cumprir uma obrigação escolar.

O desenvolvimento dessas práticas significativas na sala de aula possibilitará para que a criança tenha contato constantemente com a leitura. Assim sendo, ler é uma atividade que deve ter lugar privilegiado na escola, pois o aluno que lê tem mais velocidade na aprendizagem de qualquer área do conhecimento. De acordo com Verzeza (2006), o ato de ler foi muito discorrido por Paulo Freire com a ideia de que, o ser humano possui de certa forma níveis de

conhecimento antes de reconhecer as letras:

O ato de ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras. (FREIRE in DONALDO, apud VERCEZA, 2006, p.7).

Essa realidade bem se assemelha a leitura de mundo, os autores procuram expor a realidade do mundo surdo com metodologias que podem ser utilizadas como mecanismos que se pode utilizar para fortalecer esses níveis de conhecimentos que possibilita o contato e o prazer pela leitura é a contação de histórias, atividade que pode ser desenvolvida na sala de aula e em casa. Porque ao ler para as crianças em voz alta, o professor ou qualquer leitor mais competente ensina como se faz para ler e proporciona às crianças conhecer vários textos, a ampliar o conhecimento cultural, trabalhar as emoções, sentimentos, isto é, aprende a se conhecer e também conhecer a vida do outro a partir da leitura. E para a criança surda não é diferente, os sinais e as expressões faciais e corporais na sinalização é muito importante para um melhor entendimento. Como diz Bettelheim (1992, p. 49),

[...] a aprendizagem da leitura deve dar à criança o sentimento de que através dela um novo mundo se lhe abrirá perante a sua mente e sua imaginação. E se constata que isto não é difícil se não ensinarmos a ler de forma diferente.

Por sua vez, sabe-se que além da escola possibilitar essa relação dos livros bons com as crianças é necessário que a família também colabore para que o universo de conhecimento floresça e continue gerando bons frutos ao longo do tempo. Pois, mesmo que a criança na fase de alfabetização não saiba decodificar tudo, ela compreenderá o que está visualizando, mediante o incentivo pela boa leitura.

Na verdade, as escolas ainda privam muitas vezes as crianças da boa leitura e utilizam dos piores textos para a formação do leitor no processo de alfabetização, os textos de cartilhas ou de livros didáticos, não possibilitando ao futuro leitor acesso ao livro de literatura, a revista, ao jornal, a bula, conta, entre outros portadores de texto.

Talvez por isso que o Brasil registre um número significativo de indivíduos que não receberam o saber necessário para atender as exigências de uma sociedade letrada, ou seja, enfrentam ainda problemas do analfabetismo, pelo fato de a leitura não ter sido trabalhada na escola de forma ampla e não restrita aos textos das cartilhas ou livros didáticos.

Portanto, com os resultados divulgados das pesquisas mais recentes sobre o processo de alfabetização, mostra que a leitura ainda é um fator determinante para os índices de analfabetismo, por ser considerada uma atividade extremamente complexa, que evolui em

função de circunstâncias e necessidades sociais e econômicas, as quais provocam a criação de novas práticas culturais para responder as atuais circunstâncias.

Com base num estudo relacionado as diretrizes que pretende-se ser trabalhadas em salas de aula com alunos surdos podemos associar as diretrizes defendidas por Alves (2007, p. 296) ao tratar da questão da leitura, aborda a importância de uma boa formação por parte dos educadores, para que mesmo com toda essa tecnologia, estes não ignorem trabalhar com bons livros, porque se sabe que o livro eletrônico tem seus benefícios, mas que o livro tradicional na fase de alfabetização tem qualidades culturais ainda bastante relevantes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste momento será destinado a apresentação das respostas dos alunos surdos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Ensino Médio José Soares de Carvalho, localizada no Município de Guarabira – PB.

Sendo assim, quando indagados sobre “Como se dá o contato com a leitura e escrita do português”, os alunos foram diretos e explicitaram suas respostas, como podemos ver a seguir:

A1: “Dentro da escola todas as disciplinas tem livros em português, tento ler, mas é difícil entender, só através da Libras, por meio dos intérpretes consigo entender os conteúdos”.

A2: “O contato é diário dentro da escola, na rua e em casa, tanto como escrita tanto como na escrita, tanto quanto leitura”.

No que conduz as respostas acima elencadas, pode-se compreender que as reflexões a partir das leituras feitas, apresentou as considerações sobre o que pensamos neste momento do ensino de leitura para Surdos/as, assim, sabendo-se que o ensino da leitura é um dos grandes desafios enfrentados pela escola, mas que em sua maioria estas ainda trabalham de modo tradicional, pressupomos que a leitura trabalhada na escola dos/as Surdos/as também sofre das mesmas dificuldades que a da escola de ouvintes, pois parte dos/as profissionais dessas instituições de ensino não estão totalmente aptos quanto à prática pedagógica a ser desenvolvida em sala de aula para o ensino de língua, com o agravante que, no caso dos/as Surdos/as, é para uma segunda língua e deve ser trabalhada de uma forma diferenciada, que é atribuída a sua aquisição de forma clara e objetiva, ou seja, o aluno/a surdo/a deverá ter a oportunidade de construir seu próprio conhecimento sobre a leitura.

A segunda pergunta foi destinada a reconhecer “Quais as dificuldades que vocês, enquanto surdos tem ao ter acesso a algum texto escrito”, assim, foram apresentadas algumas dificuldades, tais como:

A1: “Quando preciso ler um texto, algumas palavras que conheço sinalizo, mas pelo fato de não ouvir o sentido das palavras fica difícil de entender. Peço ajuda a um interprete para que esclareça o texto”.

A2: “Todos, existe uma dificuldade muito grande que não há como explicar. Como surdo já sei que as palavras escritas representam os sons da fala. Sendo assim, as letras os vocábulos, é para nós um maranhado de garranchos que não nos serve para nada, na escola para nos comunicar com os outros”.

Com bases nas respostas pode-se concluir que o ensino da leitura e escrita que, segundo Lajolo (2007):

Ler não é decifrar, como um jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, apud ALVES, 2007, p 294).

Por isso a importância da constante prática da leitura para o desenvolvimento social, intelectual, político e cultural do leitor, proporcionada desde as séries iniciais para que, assim, a criança desperte o gosto pela leitura. Porém, para que a criança possa criar esse hábito pela leitura, faz-se necessário que o professor também seja um leitor, para incentivar a sua prática.

Nesta segunda pergunta foi importante no tocante de reconhecer a importância do intérprete de Libras em salas de aula regulares.

Quanto a terceira pergunta, a mesma foi destinada a analisar se “Você (enquanto estudante surdo), sente dificuldades em aprender a língua portuguesa”, os mesmos responderam de forma unânime que “sim”, onde cada um propôs sua opinião, como pode ser visto a seguir:

A1: “Sim, as vezes leio uma placa ou um aviso, mas se não sei o sinal de alguma palavra fica difícil de entender o significado”.

A2: “Sim, muitas é quase impossível para mim aprender”.

Ao refletirmos sobre o desenvolvimento linguístico e cognitivo de crianças Surdas temos, necessariamente, que entender que a surdez não é uma categoria homogênea, mas heterogênea por vários fatores, quais sejam: idade de aquisição da surdez (pré-locutiva ou pós-locutiva), grau da surdez (leve, moderado, severo ou profundo), nível de comprometimento da cóclea, acesso precoce a língua de sinais e a comunidade Surda, entre outros.

Assim, concordamos com Marchesi (2004) quando coloca a heterogeneidade como parte determinante para a compreensão de quem são as pessoas Surdas:

As pessoas com perda auditiva constituem um grupo bastante heterogêneo e, por isso, não é correto fazer afirmações que possam ser generalizadas a toda a população que apresenta tal deficiência. O desenvolvimento comunicativo e linguístico de crianças

surdas com uma perda auditiva profunda, por exemplo apresenta aspectos muitos distintos daquelas com perdas leves, por exemplo. O fato dos pais também serem surdos ou serem ouvintes tem repercussões igualmente importantes na educação das crianças (MARCHESI, 2004, p. 171).

Se nos detivermos a questão linguística, para compreender as formas e metodologias que poderão ser trabalhadas com alunos surdos, será possível a apreensão e domínio da língua em forma de trabalho, e assim irá acontecer de modo diverso, dependendo das condições audiológicas do aluno surdo/a, levando em consideração sempre as suas condições e necessidades.

Na quarta e última pergunta os entrevistados foram indagados quanto sua opinião “Com o respeito ao português escrito, os surdos conseguem acompanhar o aprendizado do aluno ouvinte”, os mesmos alegaram que “não”, expondo mais precisamente sua opinião nas repostas elencadas a seguir:

A1: “Não. Por que para o surdo as palavras são como desenhos de letras, para os ouvintes é fácil saber a diferença das palavras pelo som. O surdo só aprende as palavras quando o intérprete sinaliza”.

A2: “Não primeiro que a metodologia de ensino da língua portuguesa é oferecido como língua 1 (L1), sendo assim, a mim é oferecido nesta modalidade, ficando difícil acompanhar, se houvesse uma adaptação e se acaso fosse oferecido o ensino como Língua 2 (L2), talvez diminuisse esse obstáculo”.

Então, diante disto, faz-se necessário rever as práticas de ensino na sala de aula, porque hoje a alfabetização está além de uma aprendizagem grafo-fônica e a escola tem que fazer do aluno um cidadão capaz de ler e interpretar o mundo e a realidade social, assim, contribuindo positivamente para a sua formação e inserção na sociedade.

5 CONCLUSÃO

Espera-se ao final do trabalho saber que ela está sendo realmente o principal objetivo da escola específica, que sua preocupação é oferecer aos alunos surdos uma prática constante da apreensão da Língua Portuguesa como L2, visando com isso, contribuir para o crescimento e desenvolvimento destes de maneira mais adequada e satisfatória.

Então, diante disto, faz-se necessário rever as práticas de ensino na sala de aula, porque hoje a alfabetização está além de uma aprendizagem grafo-fônica e a escola tem que fazer do aluno um cidadão capaz de ler e interpretar o mundo e a realidade social, assim, contribuindo positivamente para a sua formação e inserção na sociedade.

Portanto, este tópico do trabalho se constituirá muito mais do que esperamos, do que de

resultados encontrados. Acreditamos que as conclusões sobre os dados coletados podem contribuir com a escola pesquisada, pois elevará a compreender melhor suas dificuldades e desafios do aluno surdo inovando assim o seu papel de escola inclusiva.

Especificamente com relação a inclusão da pessoa Surda na escola estudamos alguns autores e dentre eles destacamos Dorziat (2009), para quem o espaço escolar para os surdos tem importância transcendente. Muito mais que um local de estudo, deve-se constituir de espaço de troca, de interação, de efetivação de laços identitário, etc., para tal, segundo a autora não há como prescindir no espaço escolar da língua de sinais, do contato com outros iguais, de trocas reais de comunicação entre aluno e professor.

De certa forma os resultados analisados foram alcançados, pois cada aluno participante revelou os fatos primordiais sobre o ensino de leitura e escrita para alunos surdos partindo do ensino de L2 em sala de aula.

Assim, propomos estudos mais avançados no que conduz o ensino para pessoas surdas na aquisição da L2 na modalidade escrita.

O estudo sobre a inclusão está nos fazendo perceber o quanto à escola precisa de transformações para atender aos alunos com deficiência, que é preciso fazer adaptações no ambiente e no currículo, mas que estas não são impossíveis. Por isto, é imprescindível o envolvimento de todos os membros da escola neste processo, pois a inclusão não acontece da noite para o dia e exige a participação de pais, alunos e comunidade, entre outras parcerias.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. Afonso. Sobre o conceito de estudo de caso. In: _____. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liberlivro, 2005.

ALVES, Andresa Guedes K. Leitura e recepção textual na sala de aula no contexto da sociedade contemporânea. **Revista Línguas & Letra**, 2007. Disponível em: <<http://200.201.8.27/index.php/linguaeletas/article/viemArticle/1160>> Acesso em: 4 de setembro de 2017.

BARBOSA, José Juvênio. **Alfabetização e leitura**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

BETTELHEIM, Bruno; ZELAN, Karen. **Psicanálise da alfabetização**: um estudo psicanalítico do ato de ler e aprender. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BIZON, Ana Cecília Cossi. Leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. In: ALMEIDA FILHO, J. C. (Org.). **Parâmetros atuais para o ensino de português estrangeiro**. São Paulo: Pontes, 1997. p. 109-140.

BRASIL. Ministério da Educação e do Deporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997. V.2.

BUENO, José Geraldo Silveira. Educação inclusiva e escolarização dos surdos. **Interação: revista de educação especial**, Brasília, ano 13, n. 23, p. 37-42, 2001.

CARDOSO, Marilene da Silva. **Educação Especial: em direção à educação inclusiva**. In: STOBANS, Claus Dieter, MOSQUERA, Juan José Mourino (orgs.). **Aspectos históricos da educação especial: da exclusão à inclusão-uma longa caminhada**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 15-24.

DORZIAT, Ana. **O outro da Educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade, Diferença, Currículo e Inclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9-88.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina Andrade. **Metodologia científica**. 5ª Ed. – São Paulo: Atlas. 1992.

LUDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U. 1998.

MARCHESI, Álvaro. Desenvolvimento e educação das crianças surdas. In: COLL, César, PALACIOS, Jesús (orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. v.3, p. 171-192.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**, 17ª Ed., Petrópolis, Ed. Vozes. 2001.

DORZIAT, Ana. **O Outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

VERCEZA, Rosa Maria Aparecida Nechi. **Letramento e alfabetização: dois processos indissociáveis**. Língua Viva, outubro 2006. Disponível em: <http://www.linguaviva.unir.br/artigos%20Lingua%20Viva%20n%20line/artigo%20lingua%20viva%20-%20Rosa%20Maria.pdf> Acesso em: 14 de outubro de 2017.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa: métodos, avaliação e utilização**. Trad. de Ana Thorell. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução de Laura Teixeira Motta. 6. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

A LOOK AT THE READING AND WRITING OF THE DEAF STUDENT

ABSTRACT

The present work consists of the initial reflections provoked by the studies on the deafness, the education of the Deaf and the literacy of these subjects, which resulted in the motivation of this research, which is being developed as a requirement for the conclusion of the course of Letters - UEPB. The objective of this article is to discuss the reality of two deaf students of the State School of Elementary and Secondary Education José Soares de Carvalho, located in the Municipality of Guarabira - PB. Two strands are followed in this text: reading and deafness. Thus, the article deals with the understanding of the Portuguese Language as L2 (second language) in the formation of the deaf student, taking into account the reality of the students of the State School of Elementary and Secondary Education José Soares de Carvalho, located in the Municipality of Guarabira - PB . We opted for them because on reading we understand that it plays a fundamental role in the life of subjects to understand the social context to which they are inserted, as well as to understand their growth as human beings from a reading of meanings the world. About deafness we believe that the listener society has a historical and linguistic debt of deprivation of these subjects to the right to use their natural language and to be able to access it through the Portuguese language. The authors who initially guide us to such work are: LIMA; PESSOA and SCHEMBERG (2012); STOCK (2010); SOARES (2006); BARBOSA (1990); BIZON (1997); FREIRE (2007); Page 2 ROSA (2009); DORZIAT, (2009); SACKS (1998), among others. The research is based on theoretical and methodological qualitative constituting itself as a study regarding the reading and writing of the Deaf student described by the experience experience by the interpreter of pounds of the field of research. The instruments for data collection will be the analysis of the works, field study, descriptive, application of a questionnaire with two deaf students of the referred institution. This text is the result of the effort to understand the differences of didactic and methodological processes in language teaching for deaf children, therefore, it constitutes a theoretical elaboration on the question, not yet considering considerations about expected results. It is concluded that, based on the assumption that special education is a teaching modality that aims to promote the development of the potentialities of people with special needs, typical behaviors or high skills, and that the teaching of Portuguese as L2 exerts a great influence on personal and social formation of the deaf individual, there is a need for studies that clarify how the process of inclusion of deaf students in regular education has taken place.

Keywords: Education. Reading. Writing. Deafness. Inclusion.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

1 - Como se dá o contato com a leitura e a escrita do português?

O contato é diário através das aulas, na rua e em casa, tanto como escrita, tanto quanto leitura.

2 - Quais as dificuldades que vocês enquanto surdos tem ao ter acesso a algum texto escrito?

Todos, existe uma dificuldade ~~em usar a escrita~~ muito grande que não há como explicar. Como surdo já sei que as palavras escritas representam os sons da fala. Sendo assim, as letras e vocabulário é para nós um emaranhado de grafismos que não nos serve para nada, exceto para nos comunicar com os ouvintes.

3 - Você sente dificuldades em aprender a língua portuguesa?

Sim, muitas é quase impossível para mim aprender.

4 - Com respeito ao português escrito, os surdos conseguem acompanhar o aprendizado do aluno ouvinte?

Não, primeiro que a metodologia de ensino da língua portuguesa é oferecido como língua 1 (L1), sendo assim, a mim é oferecido nesta modalidade, ficando difícil acompanhar.

Se houver uma adaptação e se acaso fosse oferecido o ensino como língua 2 (L2), talvez diminuísse esse obstáculo.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

1 – Como se dar o contato com a leitura e a escrita do português?

Dentro da escola todas as disciplinas tem livros em português. Tanto ler mas é difícil entender os conteúdos da biblioteca por meio dos intérpretes consigo entender os conteúdos.

2 – Quais as dificuldades que vocês enquanto surdos tem ao ter acesso a algum texto escrito?

Quando preciso ler um texto, algumas palavras que não sei ler, mas pelo fato de não ouvir o sentido das palavras fica difícil de entender. Para ajudar a um intérprete para que esclareça o texto.

3 – Você sente dificuldades em aprender a língua portuguesa?

Sim, as vezes fica uma placa ou um coisa, mas se não ver o sinal de alguma palavra fica difícil de entender o significado.

4 – Com respeito ao português escrito, os surdos conseguem acompanhar o aprendizado do aluno ouvinte?

Não. Porque para o surdo as palavras não como desenhos de letras, para os ouvintes é fácil saber a diferença das palavras pelo som. O surdo só aprende as palavras quando o intérprete sinaliza.